

Trotsky* | Marcel Liebman**

20/08/2020

O artigo que segue foi escrito em agosto de 1965, quando se completava 25 anos do bárbaro assassinato de Leon Trotsky em Coyoacán, na cidade do México, a mando de Stalin. Hoje completam-se 80 anos desse crime. Trotsky em seu tempo como agora tem seu nome ligado ao marxismo e faz todo o sentido para a revolução socialista.

No início do século XX, eram poucos os socialistas europeus que questionavam a proximidade, ou mesmo a iminência, da tomada do poder pelo proletariado e da abolição do capitalismo. Em alguns aspectos, o século que nós vivemos é a história de uma trágica desilusão: apesar das crises profundas e das convulsões consideráveis, apesar das duas guerras mundiais, apesar, por outro lado, das tentativas às vezes heróicas de impor sua vontade inovadora e revolucionária, o proletariado não derrubou o colosso.

As derrotas de uma classe vêm acompanhadas do sofrimento de quem a constitui e de quem a defende e são seus porta-vozes. É como se as tragédias coletivas não se contentassem com o anonimato e tentassem sobreviver na memória da humanidade adornando-se com nomes ilustres: Jaurès, assassinado na véspera do massacre de 1914-1918; Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, mortos a tiros em janeiro de 1919, um dia após o Armistício. Vinte anos depois, outro dos maiores socialistas contemporâneos, Leon Trotsky, foi vítima de um criminoso em Coyoacán, no México.

Mas enquanto os três primeiros foram atingidos pelos instrumentos da reação e do militarismo, Trotsky – e esta é outra faceta da tragédia do proletariado europeu – nem mesmo teve esse privilégio. A mão que armou o assassino era a do líder de um estado que se chamava de socialista, onde os trabalhadores haviam tomado o poder e do qual o capitalismo foi suprimido.

Uma vida revolucionária

Na terça-feira, 20 de agosto de 1940, um agente da GPU, Jacques Mornard – cujo nome verdadeiro é Ramon Mercader – que havia conseguido enganar a confiança do grande revolucionário e de seus amigos, entrou no escritório de Trotsky. Ele entregou-lhe páginas datilografadas, correção de um artigo vago que o assassino submeteu à sua vítima para aprovação. Trotski não teve tempo de terminar a leitura: um golpe formidável de machado de gelo de um homem jovem e vigoroso derrubou o velho lutador. Mesmo assim, continuou a lutar: “com o crânio esmagado, o rosto ensanguentado, Trotski deu um pulo, atirou no assassino todos os objetos que lhe caíam nas mãos, livros, tinteiro ... e depois se atirou sobre ele. ... Lutou como um tigre, agarrou-se ao assassino, mordeu-lhe a mão e arrancou o machado de gelo”(1).

Levado ao hospital e operado duas horas depois, Trotsky resistiu a mais vinte e quatro horas. No dia seguinte, 21 de agosto de 1940, ele faleceu. Ele tinha 61 anos. Sessenta e um anos da vida de militante socialista, de teórico marxista, de combatente revolucionário – ele, o vencedor de Outubro – de exilado político, de homem caçado por toda parte, por toda parte perseguido pelos agentes de um Estado que ele ajudou a nascer.

Ele nasceu em 1879, na aldeia ucraniana de Yanovka, de pais pertencentes à pequena burguesia judia e, no confronto mais tarde com Stalin, essa circunstância também deveria ser explorada contra ele: anti-semitismo, ninguém mais duvida seriamente, tinha seu lugar no arsenal abundantemente equipado das armas stalinistas. Aos 18 anos, juntou-se a um grupo de socialistas revolucionários, partido de oposição ao czarismo, cheio de ardor, mas baseado em velhos sonhos populistas, pequeno-burgueses e camponeses. Trotsky – que ainda era

apenas Leon Davidovich Bronstein – não demorou a aderir ao marxismo e à social-democracia russa. Preso em 1898, passou dois anos na prisão, depois foi deportado para a Sibéria: ainda não tinha vinte anos! Em 1902, ele conseguiu escapar e chegar à Europa Ocidental para encontrar Lenin e participar da organização e desenvolvimento do socialismo russo.

Até 1917, Trotsky tentou superar as lutas entre os bolcheviques agrupados em torno de Lenin e os mencheviques, partidários de uma ação amplamente legalista e da organização do partido inspirado no modelo ocidental. Durante esses longos anos de exílio, as controvérsias entre os revolucionários russos foram amargas. Trotsky censurou Lenin por ter mais talento polêmico que inteligência política, por querer criar um partido militarizado e por ceder às tentações do “jacobinismo”. Aos mencheviques, ele se opôs à sua inclinação crescente para o reformismo, enquanto ele, retomando e analisando uma ideia e até mesmo uma expressão de Karl Marx, afirmava a necessidade inescapável da “revolução permanente”.

Enquanto isso, aproveitando o “ensaio de 1905”, ele havia retornado à Rússia e foi eleito, aos 25, presidente do Soviete de São Petersburgo. Nova prisão, nova deportação para a Sibéria e nova fuga para a Europa, onde retomou sua existência como exilado revolucionário.

Outubro e o Exército Vermelho

Durante a guerra de 1914-1918, Trotsky, que participou dos congressos de Zimmerwald (setembro de 1915) e Kienthal (abril de 1916) onde se criou o embrião da futura Terceira Internacional, lutou com todas as suas forças contra os sociais democratas que se aliaram ao patriotismo e ao imperialismo. Sua atividade o levou a ser expulso da França, então, exilado na América, foi preso pelas autoridades britânicas, enquanto tentava chegar à Rússia após a eclosão da Revolução de fevereiro. Foi então – depois de seu retorno a Petrogrado – que ele daria uma demonstração completa de seu gênio revolucionário.

Aliado ao Partido Bolchevique em julho de 1917, ele rapidamente se tornou – e apesar de todas as diferenças do passado – um de seus principais líderes. Mas, acima de tudo, ele foi o organizador do levante de outubro. Vamos reler a esse respeito a célebre reportagem de John Reed “Dez dias que abalaram o mundo”: Trotsky está em toda parte, escrevendo, reunindo, dando palestras, coordenando, liderando, discutindo com adversários, organizando forças revolucionárias.

Tanto que este recém-chegado ao Partido da vanguarda proletária foi imediatamente associado, ao lado de Lênin, à direção do novo regime. Aos olhos da classe trabalhadora russa, aos olhos da Europa e de um mundo hostil, odioso, mas pasmo e admirador, Lênin – fundador do Partido Bolchevique – e Trotsky encarnavam a direção deste processo. Em uma época em que seu exército de falsificadores ainda não havia posto em movimento para truncar, mutilar e distorcer a história, o próprio Stalin foi forçado a reconhecer, no “Pravda” de 6 de novembro de 1918, que “todo o trabalho prático de organização da insurreição foi realizado sob a liderança de Trotsky, presidente do Soviete de Petrogrado. Pode-se dizer com certeza que no que diz respeito à rápida passagem das tropas para o lado soviético e a habilidosa organização dos trabalhos do Comité Revolucionário da Guerra, o partido deve tudo e sobretudo ao camarada Trotsky”(2).

Então veio Brest-Litovsk. Trotsky liderou a delegação soviética encarregada de negociar a paz com a Alemanha e a Áustria-Hungria. Com arte esmerada e afrontamento sem paralelo, ele arrastou as negociações na esperança de ver a eclosão da revolução na Europa. Essa esperança acabou sendo em vão. Em 4 de março de 1918, os bolcheviques tiveram que aceitar as condições draconianas ditadas pelos Impérios Centrais. Foi a ocasião de um conflito gravíssimo dentro do Partido Bolchevique: Lenin, transformado em chefe de Estado, advogava uma paz inevitável; a “esquerda” exigia uma guerra revolucionária contra a Alemanha, enquanto Trotsky defendia as virtudes de uma aposta infeliz, mas que quase deu certo e que traduziu pela fórmula: nem guerra, nem paz.

O fim do conflito mundial reacendeu a guerra civil que a violenta oposição ao novo poder soviético havia iniciado na Rússia. Atacado internamente por generais brancos e externamente por tropas japonesas, francesas, britânicas e tchecoslovacas, o governo revolucionário esteve várias vezes à beira do colapso:

ninguém realmente acreditava em suas chances de sucesso. Ninguém, exceto os combatentes do Exército Vermelho que Trotsky, transformado em líder militar, dirigiu até a vitória. Então, com o episódio de Kronstadt e a N.E.P., houve uma primeira pausa após as horas heróicas de conquistas revolucionárias. A Rússia, dizimada pela guerra e pela intervenção estrangeira, pelo desastre econômico e pela fome, não podia contar, em seus esforços de construção e reconstrução, exceto com um Partido Bolchevique, também enfraquecido pelos sacrifícios que havia feito e pelas responsabilidades que teve que assumir. Sinais perturbadores de degeneração burocrática estavam surgindo e se desenvolvendo, contra os quais Lenin lutou já com suas forças debilitadas.

Assim que ele desapareceu da cena política, abatido pela doença, os inimigos de Trotski se uniram contra ele. Contar a história dessa luta implacável, desleal e perversa é descrever o nascimento e o desenvolvimento dessa verdadeira “doença infantil do comunismo” que foi o estado stalinista.

Assassinado mas vivo

Até 1927, contra uma burocracia desenfreada e uma polícia cada vez mais poderosa, Trotsky tentou restabelecer a democracia interna do Partido e reorientar uma política que, no plano externo, resignou à consolidação e ao recuo. Seu inimigo levou a melhor sobre ele. Excluído do Partido em dezembro de 1927, ele foi exilado em Alma-Ata, Cazaquistão, em janeiro de 1928. Separado por vários milhares de quilômetros do centro da cena política, ele ainda parecia muito perigoso: em fevereiro de 1929, ele foi expulso da URSS. Ele viveu até novembro de 1932 na pequena ilha de Prinkipo, um pedaço de terra perdido no Mar de Mármara.

O exílio e a perseguição, sem esquecer a covardia de todos os governos que lhe recusaram asilo político, o levaram primeiro para a França (com uma parada em Antuérpia onde as autoridades belgas o proibiram de desembarcar), depois na Noruega e finalmente no México. Enquanto a arbitrariedade, a calúnia e a violência levaram a melhor sobre a Oposição de Esquerda na própria Rússia, que reconheceu seu líder como Trotsky, este foi caçado por todos os capangas do estado stalinista: agentes responsáveis por matá-lo, “historiadores” encarregados de vilipendia-lo, enquanto milhões de iludidos militantes comunistas passaram a acreditar na torrente de calúnias espalhadas contra ele e outras vítimas do terror: terroristas e espões, lacaios da burguesia e colaboradores da Gestapo e do Serviço de Inteligência.

Seus filhos – dois filhos e duas filhas – foram direta ou indiretamente vítimas desta perseguição. Seus colaboradores mais próximos foram assassinados, incluídos seus oito secretários.

Em 21 de agosto de 1940, essa inumerável sequência de vilanias e crimes foi coroada pelo assassinato do “Velho”. Sua viúva, que testemunhou sua glória, suas vitórias, suas derrotas e seu assassinato, sobreviveu até 1961.

Aí está, muito brevemente, Trotsky, o profeta armado, desarmado, exilado e assassinado, nas palavras de seu melhor biógrafo, Isaac Deutscher. Tanto para Trotsky, o último representante, em ordem cronológica – e com Mao Tse-tung – dos militantes mais ilustres que lutaram para tornar o socialismo uma realidade viva. Tanto para Trotsky, hoje, mais vivo, na memória, na discussão revigorante, no estudo enriquecedor e nas lições que inspira, mais vivo do que seu algoz desmistificado, desalojado do mausoléu que ele mesmo construiu na Praça Vermelha. Mas e o “trotskismo”?

Mito e realidades do “trotskismo”

“É preciso repetir”, escreveu Trotsky em 1929, “que nunca afirmei e que não pretendo criar uma doutrina particular?” Ele estava certo. O trotskismo como ideologia não existe, e Zinoviev uma vez reconheceu isso na era da “troika”, isto é, da liderança aparentemente coletiva de Stalin, Zinoviev e Kamenev (1923- 1925), foram os inimigos de Trotsky que imaginaram o trotskismo.

Na realidade, o “trotskismo” é fruto de uma dupla mistificação da propaganda stalinista. Este tem se empenhado em apresentá-lo – em sua visão de polícia da história – antes de tudo como uma organização

terrorista, de loucos, ao mesmo tempo esquerdista e fascista, revisionista e aventureira. Então, apresentam uma teoria nefasta que junta a insurreição a todo custo e o ódio ao campesinato. Tantas afirmações, tantas meias-verdades rapidamente se transformando em mentiras. E logo se passa adiante para a trama terrorista dos trotskistas e de Trotsky, agente-da-Gestapo-e-Serviço de Inteligência-sabotador-e-assassino. Os stalinistas mais recentes ??não acreditam mais nisso e se esforçam para esquecer que toda essa imbecilidade foi de fato enunciada e disseminada. Infelizmente, por acusações políticas, os mitos duram mais.

Trotsky, inimigo do campesinato? Como podemos acreditar nisso, quando ele defendeu, em 1905, a aliança do proletariado industrial e do campo para lutar contra o czarismo e instaurar o socialismo? Enquanto ele liderou o Exército Vermelho, no qual os camponeses são numerosos e sem dúvida majoritários? Ao mesmo tempo, ele se opôs à coletivização forçada e frenética do campo que Stalin realizou e que custou à União Soviética tanto sofrimento desnecessário. O certo é que Trotsky, como marxista, acreditava, para usar suas próprias palavras, que “a história do capitalismo é a história da subordinação do campo à cidade” (3) e que, nesta aliança entre a classe operária e o campesinato, o papel dominante cabia aos operários.

Trotsky, um defensor da insurreição a todo custo, do aventureirismo ou do putchismo? Para acreditar nisso é preciso negar o óbvio. Aventureiro, aquele que se opôs, contra o conselho de Lenin, à campanha polonesa de 1920, terminando com a retirada dos exércitos soviéticos? Quem se opôs à tentativa revolucionária fracassada dos comunistas alemães de 1921 e 1923? Quem advertiu repetidamente contra a ilusão de um colapso iminente do capitalismo? Na realidade, o que se denomina “aventureirismo trotskista” nada mais é do que uma clara consciência dos limites do simples programa “democrático” e o desejo de não refrear a ação das massas, no momento em que elas se movem qua, por considerações que se assemelham mais ao cálculo diplomático do que à necessária prudência. A alternativa stalinista a este aventureirismo, conhecemos a sua natureza: é esta mistura repugnante de terminologia ora revolucionária, ora patriótica, mas sempre oportunista, mal escondendo uma política de esperar para ver, esclerosada e de uma ineficácia quase patética.

O ódio e o desprezo dos camponeses, o gosto pela aventura irresponsável, é isso que é o “trotskismo”? Não. Mas então o que é? Nada além de lealdade ao marxismo revolucionário. Três noções emergem da rica literatura teórica de Trotsky : a da Revolução Permanente, a do internacionalismo e, em reação contra a devastação do stalinismo, a de um marxismo sério.

A ideia da Revolução permanente merece uma análise longa e cuidadosa. Em última análise, confunde-se com a vontade de ultrapassar a fase burguesa da revolução para abordar, num processo quase contínuo, a sua fase socialista, tarefa essa que compete sobretudo à classe operária. Por outro lado, foi no internacionalismo de Trotsky que seu marxismo se expressou. Nada era mais estranho a seu pensamento do que a exaltação chauvinista de que se deleitava o stalinismo e que seus representantes no mundo imitavam em seus respectivos territórios. É certo que ele reconheceu à URSS a necessidade de recorrer a uma “política de Estado”, e aos recursos da diplomacia, mas, como disse Isaac Deutscher, sentiu que “o negócio dos diplomatas é lidar com os governos burgueses existentes ... mas o negócio dos revolucionários é derrubá-los”(4). É por isso que ele insistiu, mas em vão, por uma separação clara das respectivas funções da Internacional Comunista e do Estado soviético.

Havia, finalmente, esta última característica da “ideologia” de Trotsky: seu apego a um marxismo sério, a um marxismo honesto. Concretamente, isso significava a busca por uma pesquisa objetiva, naturalmente e inevitavelmente engajada, a pesquisa sobre as realidades do desenvolvimento econômico e político e da luta de classes. Deve-se notar e enfatizar aqui que, mesmo em suas diatribes e polêmicas, Trotsky se esforçou para compreender e analisar, segundo os esquemas do marxismo. Sua objetividade não era a recusa confortável de tomar uma posição, mas o próprio atributo de seu compromisso. A demonstração mais clara dessa honestidade e objetividade ele ofereceu quando defendeu o direito para a URSS e para Stalin, seu perseguidor, de concluir um tratado de não agressão com a Alemanha nazista em agosto de 1939, quando reconheceu o direito deste de atacar a Finlândia, frente à perspectiva de um confronto inevitável com essa mesma Alemanha.

E, sobretudo, quando, até o fim de sua vida, e muitas vezes contra seus próprios companheiros de luta, afirmou que a URSS, apesar do stalinismo, permanecia um Estado operário e que devia ser defendida incondicionalmente. Este é o marxismo sério de Trotsky. Seria desnecessariamente cruel compará-lo àquela mistura nauseante de encantamentos litúrgicos, inventivas demoníacas e dogmatismo estéril que o stalinismo era.

É certo que além de sua grandeza, Trotsky tinha suas fraquezas. Ele foi um pensador poderoso, um homem de letras brilhante, um administrador notável, um orador excepcional, um líder revolucionário inigualável. No entanto, ele parece ter sido um político frágil e, embora em todas as áreas que mencionamos ele excedeu seu rival Stalin por quilômetros, mas no plano das táticas, ele parece quase totalmente indefeso. Pode-se concordar facilmente que o julgamento que ele às vezes proferiu sobre o desenvolvimento da União Soviética e sobre a natureza do stalinismo exige reservas. Sem dúvida, subestimou seu inimigo, que julgou erroneamente “a mais eminente mediocridade de nosso partido” (5). Ele pode ter subestimado as possibilidades de desenvolvimento gradual da industrialização da URSS, do qual foi um dos primeiros defensores(6). Ele cometeu erros que reconheceu e outros que desconhecia.

Mas, mesmo em seus erros e mesmo em suas fraquezas, Trotsky permaneceu fiel à sua vocação de revolucionário. Poucos meses antes de sua morte, ele escreveu em uma linguagem cheia de dignidade: “Nos quarenta e três anos de minha vida consciente, lutei sob a bandeira do marxismo. Se tivesse que começar tudo de novo, tentaria evitar esta ou aquela falha, mas o curso principal da minha vida permaneceria o mesmo. Vou morrer como um revolucionário proletário, um marxista, um defensor do materialismo dialético e, conseqüentemente, um ateu irreduzível. Minha fé no futuro comunista da humanidade não é menos ardente; na verdade, está mais firme hoje do que na minha juventude ”(7).

E enquanto o velho lutador, cambaleante mas inabalável, falava assim, o assassino, nas sombras afiava sua arma. Em 20 de agosto de 1940, ele matava Leon Trotsky. Vinte e cinco anos atrás...

NOTAS

(1) Isaac Deutscher; “Le Prophète hors-la-loi”, Paris, Julliard, 1965, p. 669.

(2) Citado por Trotsky (“La Révolution défigurée”) em Trotsky: “De la Révolution”, Paris, Editions de Minuit, 1963.

(3) Citado por E. H. Carr: “The Bolshevik Revolution”, vol. 3, Londres, MacMillan, 1950, p. 144

(4) I. Deutscher: “Le Prophète désarmé”, Paris, Julliard, 1959, p. 436.

(5) L. Trotsky: “Ma Vie”, Paris, Gallimard, 1953, p. 518.

(6) E isso numa época em que Stalin acreditava que a Rússia precisava de uma usina de força no Dnieper tanto quanto um mujique precisava de um fonógrafo.

(7) Citado por I. Deutscher, em: “Le Prophète hors-la-loi”, op. cit., p. 636.

** Artigo publicado em agosto de 1965 no jornal marxista La Gauche, editado em Bruxelas (Bélgica) e dirigido por Ernest Mandel. Extraído de http://www.lcr-lagauche.be/cm/index.php?view=article&id=571:trotsky-assassine&option=com_content&Itemid=53, em 16 de agosto de 2020.

* Marcel Liebman (1929-1986) foi um historiador marxista belga, autor de diversas obras nas quais se destaca “Le léninisme sous Lénine” (Seuil, 1973). Foi do comitê de redação do La Gauche durante um período. Mais tarde participou com Ralph Miliband da revista marxista Socialist Register, da qual foi editor

por um período. Apesar de ter boas relações, não militou na 4ª Internacional. Participava de um grupo chamado por Mandel de “Deutscherianos”, pela sua identidade com Isaac Deutscher, o autor da trilogia sobre Trotsky: “O Profeta Armado”, “O profeta Desarmado” e “O Profeta Banido” (lançado no Brasil pela Civilização Brasileira, edição esgotada).



Compartilhe nas redes: